

A CONSTITUIÇÃO DOS PERFIS IDENTITÁRIOS DO PROFISSIONAL DOCENTE NO CONTEXTO DAS POLÍTICAS DE (DES) CENTRALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO

André Luiz Prates Coelho

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB
andrepratc@hotmail.com

Resumo: Este artigo objetivou discorrer sobre a constituição dos perfis identitários do profissional docente, elencados por Dubar(2005), dentro do contexto das políticas de (des)centralização na gestão da educação, considerando que, a partir deste período, constantes transformações ocorreram no mundo, afetando de forma marcante o cotidiano do professor. O autor, a partir deste estudo, buscou compreender questões, desde a escolha da profissão, passando pela formação inicial e continuada; como as formas identitárias se articulam frente às crises que têm sido atravessadas, nas últimas décadas, no contexto sócio-econômico do país; de que modo o professor lida com as novas exigências educacionais, suscitado rearranjos no seu papel social. Após análise dos dados, identidade bloqueada foi o perfil que mais se aproximou da realidade das docentes entrevistadas, uma vez as mesmas declararam que executam tarefas de maneira repetida e sem perspectiva de mudança, mesmo considerando que, ao longo das suas vidas, poderá haver alguma ação que direcione suas trajetórias para um cenário de realização profissional e emancipação.

Palavras - chave: Perfil identitário. Descentralização. Educação. Identidade bloqueada.

Introdução

O objetivo deste artigo foi buscar construir um perfil do profissional docente no seu cotidiano de trabalho, evidenciando que, devido às constantes transformações que a educação tem enfrentado, este mostra acerca do de muitas tarefas, tornando, como evidencia muitos autores, um ser multifacetado. Usando, como referencial teórico, as considerações de Dubar, sociólogo francês que se dedicou a estudar o comportamento de profissionais na Europa no ambiente de trabalho, o autor fez um recorte temporal a partir dos anos 90, considerando que, a partir daquele marco, a efervescência neoliberal havia se instalado no mundo, demandando muitas atribuições no cotidiano do professor e causando sérios transtornos na vida do mesmo.

Nóvoa (1995) entende que é impossível separar o *eu* profissional do *eu* pessoal onde, ocorrendo tal cisão, remeter-se-á certamente, a uma insatisfação profissional, pontuando que haverá uma diferença entre o que o professor gostaria de ser e atuar na sua esfera (eu pessoal) e aquilo que

as imposições e exigências ocorridas nas mudanças das últimas décadas têm espelhado no seu cotidiano (eu profissional). E é essa situação vivida pelos docentes que faz despertar o corrente estudo, buscando apresentar uma análise das expressões fornecidas em relação a como se sentem, se são ou não realizados; a essência do que é ser professor, numa perspectiva da sua trajetória profissional, mostrando como o momento atual se apresenta para cada um; ao incremento dado à sua formação; à imagem que o docente tem de si e que os outros fazem do mesmo, bem como a relação estabelecida com os demais atores na instituição escolar (alunos, pais, colegas de trabalho, comunidade, órgão gestor e escola).

Metodologia

A pesquisa de campo, de caráter qualitativo, foi realizada num colégio de rede pública estadual, no Município de Vitória da Conquista, Bahia. De acordo com Triviños (1987), o uso da pesquisa qualitativa consegue compreender melhor as realidades mais complexas, pois o pesquisador tem ampla liberdade metodológica para realizar seu estudo e aprofundar o entendimento de populações específicas.

Foram sujeitos deste estudo 08 professoras do ensino fundamental, totalizando um percentual de 25% dos funcionários da instituição, acreditando ser satisfatória a aplicação da entrevista semi-estruturada nesta amostra. Foram utilizados nomes fictícios de pedras preciosas, a exemplo de Esmeralda, Rubi, Safira, Jade, Pérola, Ametista, Ágata, Cristal, visando manter o anonimato, quer pessoal, quer da própria escola. A opção de associar os nomes àqueles objetos surgiu, por considerar que a função docente é algo muito sublime e precioso, que fazer mover a humanidade, daí uma maneira singela de homenageá-las, dando seus nomes a algo material tão cobiçado.

Quanto ao método de investigação, foi utilizada pelo autor, a entrevista semi-estruturada, a qual, segundo Minayo (2001), se configura como modo de conhecimento de aspectos muito sutis, ao nível das dimensões mais íntimas e pessoais dos docentes, revelando personalidades, identidades, comportamentos e contextos relativos aos processos formativos e as suas práticas educativas.

A revisão da literatura foi realizada a partir das fontes bibliográficas selecionadas para o estudo da relação entre a identidade do profissional e trabalho docente e contribuíram para discutir a ideia de trabalho do professor dentro do contexto das políticas de descentralização, visto que foi

considerado o recorte temporal a partir dos anos de 1990, período em que as inquietações em relação ao cotidiano daquele trabalhador repercutiu na análise da profissionalização.

A constituição dos perfis identitários

As formas identitárias propostas por Dubar tiveram origem nas entrevistas realizadas com os trabalhadores de algumas empresas francesas. A análise do conteúdo narrado pelos trabalhadores apontou que:

Para este modelo de formas identitárias, é menos importante o trabalho efetuado que o sentido do trabalho vivido e expresso pelas pessoas estruturadas por uma dada identidade profissional. Foi através da análise das narrativas, proferida sobre situações de trabalho em entrevista de investigação, que os sociólogos puderam identificar “mundos vividos”.(DUBAR, 1997, p.137).

Um dos estudos de Dubar (2009), em empresas em processo de modernização, e que exigiam dos seus funcionários uma nova forma de relação e comprometimento com a atividade profissional que desempenhavam, apresentou as seguintes formas identitárias: “identidade fora do trabalho”, “identidade mobilizada”, “identidade do ofício”, e “identidade mobilidade/flexível”. Em seu livro publicado em 2005, as denominações de 1997 forma modificadas, cujas conceituações são derivadas dos estudos de Sainsaulieu e desdobradas por esse, para seguinte forma:

- Identidade estável ameaçada: as experiências profissionais e a aprendizagem no local de trabalho são efetivamente valorizadas pelos trabalhadores. São indivíduos que assumem a identidade coletiva, do grupo de trabalho, e seu discurso é sempre permeado por “nós”. O eu “subjetivo” é maior que o eu “objetivo”, ou seja, prevalece a vontade interior em detrimento dos avanços e inovações que circundam o indivíduo.

- Identidade bloqueada: neste caso há uma fusão do indivíduo à sua profissão. A maneira repetitiva e mecânica de exercer a profissão o bloqueia para as inovações do contexto do mercado de trabalho. É um indivíduo fiel às normas de trabalho, o qual considera a sua atividade profissional como única e fundamental para a empresa. Diante desta fusão, há a supremacia das transações objetivas sobre as subjetivas, ou seja, o trabalhador quase se anula em detrimento da profissão e/ou empresa.

- Identidade responsável pela sua promoção: são aquelas pessoas mobilizadas a progredir profissionalmente e executam suas tarefas com destaque e dedicação. Tudo o que fazem é pensando em si, e também na empresa. O “eu” está articulado com o “outro”, demonstrando uma relação de interdependência. Sabem que, se investirem no trabalho, colherão mais tarde, os resultados desse empenhamento.

- Identidade autônoma e incerta: esta identidade também é reconhecida como “afinitário”. As afinidades com outras pessoas e instituições são fortemente valorizadas como forma de manter redes de contatos, visando facilitar a entrada em outros pontos de trabalho. Esse indivíduo dedica-se à formação continuada. Neste caso, a transação subjetiva é que direciona a transação objetiva.

Apesar das quatro configurações identitárias reconstruídas por Dubar (2005, 2009), que definem a constituição da identidade profissional nas relações de trabalho, não se pode esquecer que as experiências biográficas, ou seja, a trajetória da vida, participa ativamente das referências pessoais e profissionais do indivíduo.

A polivalência de atribuições como subsídio para a construção dos perfis identitários docentes

O cotidiano do profissional docente, principalmente após as reformas ocorridas na década de 1990, sofreu mudanças que culminaram em uma diversidade de funções, preocupações e direcionamentos, as quais têm afetado tanto o trabalho nas escolas, quanto as identidades profissionais. Maués (2003) indica a existência de uma relação direta entre a mundialização e as reformas na educação, informando que o impacto sobre a organização do trabalho passa a exigir maior qualificação do empregado, este agora inserido dentro de uma sociedade que visa rentabilidade e lucro. Tendo como cenário as mudanças no mundo do trabalho e as entrevistas coletadas em uma instituição da rede pública, foi questionado pelo autor da pesquisa, desde os motivos que levaram as professoras a escolher a profissão docente, suas expectativas, o nível de satisfação, as relações dentro do espaço escolar, o investimento em si (transações subjetivas) até as novas atribuições dentro do processo de descentralização na gestão da educação (transações objetivas). A partir do material coletado, foi-se construindo um perfil identitário de cada professora,

considerando a identidade para si e para o outro, forjadas nas relações sociais e de trabalho. (DUBAR, 2005).

Identidade profissional docente em constituição

As identidades profissionais e sociais, associadas a configurações específicas de saberes, são construídas por meio de processos de socialização cada vez mais diversificados. A socialização “inicial”, durante a infância, combina mecanismos de desenvolvimento das capacidades e construção de valores, oriundos da família de origem e também do universo escolar e dos grupos etários nos quais as crianças realizam suas primeiras experiências de cooperação. Desta maneira, elas forjam para si as primeiras identidades por assimilações e acomodações sucessivas.

De acordo com Dubar (2005), essa socialização também contribui para fornecer as referências culturais a partir das quais os indivíduos terão de identificar seus grupos de pertencimento e de referência, interiorizar seus traços culturais, gerais, especializados, opcionais, e individuais, antecipar suas socializações posteriores. Estas se inscrevem em trajetórias sociais que implicam a partir de “disposições” adquiridas durante a educação fundamental, a validação de “capitais econômicos e culturais” a um só tempo, desiguais no início e com rentabilidade diferente conforme os campos da prática social. Essa socialização contínua é inseparável das transformações estruturais que atingem os sistemas de ação e induzem modificações periódicas das identidades previamente constituídas e das “construções mentais” a elas associadas.

Analisando os depoimentos das professoras e comparando com as considerações de Dubar, pode-se perceber que existe um ponto comum entre a escolha da profissão, a qual foi baseada em aspectos subjetivos, quer seja por vocação natural, por identificação com ex-professores, ou mesmo por afinidade em trabalhar com adolescentes.

Segundo Dubar (2005), o trabalho atual não corresponde “a especialidade adquirida e é vivido como uma desclassificação temporária durante a espera de um cargo realmente qualificado”, ou seja, vivem dolorosamente sua situação de trabalho, considerada cansativa e sofrida.

Analisando as informações contidas nas entrevistas das professoras, é constatada uma situação de inquietude e cansaço, ocasionada principalmente, pela excessiva carga horária e

múltiplas atribuições durante o cotidiano da profissão. Desta maneira, elas se dizem acomodadas na sua situação profissional e em relação ao futuro. De acordo com as afirmações de Ágata e Ametista, respectivamente, há uma vontade de mudança, porém bloqueada por razões circunstanciais:

Tem hora que questiono se vale a pena continuar. Já pensei em fazer concurso, pois também sou bacharel em Direito. Mas, como já tenho muitos anos na profissão, pretendo continuar e tentar mestrado. Não dá mais para enfrentar uma mudança. (Professora Ágata, entrevista realizada em 18/10/2016).

Apesar de ser tão cruel a realidade vivenciada por nós professores, pretendo continuar na docência, buscar um mestrado, investir na formação continuada para além de melhorar o salário, trabalhar com um público diferenciado. São planos que ainda pretendo concretizar. (Professora Ametista, entrevista realizada em 04/10/2016).

Dubar (2005) explica que as professoras encontram-se, de certa forma levadas a continuar, acreditando em uma progressão na sua profissão, defendendo, em seu íntimo, uma identidade de ofício, de vocação, sem ilusão e sem saber o que poderá acontecer depois.

Em relação às novas atribuições que foram incorporadas na profissão docente, essa polivalência, conforme Dubar (2005), faz com que as professoras desenvolvam proposições ambivalentes, ou seja, de um lado relutam para que esse acúmulo de tarefas não minimize a sua identidade de ofício e de outro, buscam fazer de tudo um pouco, ensinando mesmo que superficialmente e se revezando em várias funções diferentes, correndo o risco de desembocar em uma espécie de dissolução da qualidade de seu trabalho.

Considero um grande desafio, frente a esta sobrecarga de atividades que estamos imersas. Acho desproporcional a quantidade de demandas, afetando a qualidade do nosso trabalho, a qual acaba não sendo atingida. Infelizmente não conseguimos diagnosticar como antes as dificuldades encontradas, para podermos aplicar melhorias. (Professora Safira, entrevista realizada em 11/10/2016).

Percebe-se, nos depoimentos das professoras, que ocorre uma dualidade de situações, onde a transação subjetiva compreende que a nova realidade difere daquela a qual a profissional foi capacitada, porém a transação objetiva é totalmente dependente das novas políticas, impulsionando o trabalhador a engajar-se nos novos processos sob formas diversas, quer seja professor, psicólogo ou conselheiro. (DUBAR, 2005).

Segundo Dubar, a construção de uma identidade de ofício é regulada por uma busca contínua de saberes, de especialização, como também é legitimada pela maneira como os agentes externos avaliam a figura daquele profissional, através do seu trabalho e importância na sociedade.

A construção de uma identidade de ofício pressupõe uma forma de transação subjetiva que permita a autoconfirmação regular de sua evolução, concebida como o domínio progressivo de uma especialidade sempre mais ou menos vivida como uma arte. Mas também supõe confirmações objetivas por uma comunidade profissional dotada de seus próprios instrumentos de legitimidade. (DUBAR, 2005, p.27).

De acordo com o que foi analisado nas declarações das professoras, investir em formação continuada, com o objetivo de confirmara sua identidade de ofício, tem sido muito penoso nos dias de hoje, em virtude das dificuldades provenientes da falta de condição financeira e carga horária excessiva. Consequentemente, em muitas situações, elas tentam improvisar algum tipo de estratégia para dar conta da dificuldade de ministrar a aula. Nas falas da professora Cristal, a mesma relata como é difícil atender aos alunos em suas especificidades:

É muito complicado integrar os alunos nas suas especificidades e diversidades. Tudo fica na base do improviso, pois não recebemos nenhum treinamento para isto. Como juntar aluno que não fala com aluno que tem esquizofrenia, sem ter qualquer aparato para tal? Tem que ser na base do achismo, e o pior que aula dura muito pouco para dar conta de tantas atribuições. (Professora Cristal, entrevista realizada em 25/10/2016).

Confirmando o relato da professora Cristal, Dubar (2005) afirma que as novas estratégias, utilizando novas tecnologias, alteram as atividades, necessitando do domínios de saberes teóricos e práticos sobre os processos, sendo esta modificação capaz de levar a um risco de marginalização das atividades estruturadas como base de ofício. É como se as professoras se sentissem bloqueadas de executar as suas atividades costumeiras, frente a uma nova demanda de atribuições. Elas seguem seus caminhos, tentando criar artifícios para dar conta do que ocorrer na sala de aula, o que acaba tornando muito estressante. Segundo a professora Rubi, não basta o profissional saber conteúdo, tem que permear no campo da psicologia e de outros saberes mais.

Eles dizem que sou a professora legal. Dizem que sou a única que os alunos conversam sobre as suas vidas particulares. A gente tem que trazer a vivência do aluno para a sala de aula. Hoje em dia não ensinamos só o conteúdo, acho que a gente tem que ser algo mais, pois aqueles estão muito carentes. (Professora Rubi, entrevista realizada em 25/10/2016).

Explicando Dubar (2005), esses novos saberes profissionais, bases potenciais de reconstituição de carreiras e de identidades de ofício, se mostram diferentes dos antigos *know-how* e saberes de especialidade. Trata-se, entretanto, de saberes profissionais de ordem operacional e não de saberes científicos de natureza puramente cognitiva. Por essa razão, a emergência de novas identidades de ofício fundadas em uma cultura técnica e traduzida nos planos de progressão profissional, constitui a hipótese mais provável concernente às dinâmicas identitárias em curso. No caso dos professores, os mesmos se reinventam diariamente para poderem se ajustar aos diversos cenários, bloqueando seus sonhos e projetos pessoais de autorealização.

Analisando as declarações nas entrevistas, é percebido que muitos dos obstáculos provocam hoje o bloqueio das identidades estruturadas em torno de um novo modelo profissional no interior das instituições escolares. Uma dupla reciprocidade sobressai sobre aquele contingente profissional. De um lado, através de uma troca, mostra a contribuição daquele para a empresa e o que ela lhe remunerava; de outro, através de uma transação subjetiva, entre a vida no trabalho e a vida fora do trabalho. Parecendo conformistas e relativamente passivos em matéria de formação, os professores bloqueiam ante as reivindicações, seguindo autômatos no novo formato de atuação.

Conforme Dubar (2005) menciona, aqueles profissionais consideram que o sistema bloqueia o exercício de sua competência e que nenhum plano de progressão está aberto para eles. Sentem-se em situação de perda de poder, apesar de seu papel ativo no trabalho. Nenhum deles menciona o sindicato como ator capaz de desbloquear a situação, até porque o enfraquecimento daquele limita a expressão coletiva das reivindicações identitárias.

A sociedade vê o professor como pai, mãe, médico, psicólogo, palhaço. Muitas responsabilidades forma transferidas para aquele. Por sermos tão desvalorizados, não conseguimos nos impor. O salário é pouco e isso ocasiona um baixo prestígio. E não temos nenhum órgão para nos valer. Somos chamados de sofredores e apelidados de tios. Digo que, quando a polícia, numa situação de tensão, nos investiga junto a outros profissionais, a exemplo de advogados, engenheiros ou médicos, somos certamente os que menos serão valorizados. (Professora Cristal, entrevista realizada em 25/10/2016).

A identidade bloqueada é, portanto, indissociável da crise dos ofícios, de sua organização, de sua legitimidade. A importância e o *status* do ensino profissional são diretamente colocados em questão por esse fenômeno.

Esteve (1999) acrescenta que todos vivem intensamente o conflito entre o sistema de valores, normas e representações construído ao longo de sua aprendizagem e as novas estruturas políticas, sociais e econômicas que tornam raras as suas possibilidades de autorealização. Seu horizonte agora é qualificado de contraditório, seu sentimento dominante é de frustração, pois não é possível tentar mudar uma situação que, no entanto, lhes desagrada.

Em todos os esclarecimentos fornecidos pelas professoras, ficou muito claro esse sentimento de impotência frente à nova realidade. Nas falas de algumas, percebe-se em algum momento, engajamento, um sentimento de realização diante da profissão, mas as mesmas acabam levantando a questão da desvalorização, da perda do prestígio, da dificuldade em laborar no cotidiano das escolas e aí, o empoderamento perde o seu sentido, o seu propósito. Quando foi questionado o que é ser professora, Ágata demonstrou que há um conflito entre a visão interna e o novo cenário:

É ser essa pessoa comprometida com o mundo, a qual procura aprender mais todos os dias. É ter um objetivo, uma vocação e fazer valer esse dom. Apesar de questionar sobre a minha permanência na docência, sei que o meu interior fala mais alto e pra mim, o que caracteriza a profissão docente é a verdadeira vocação. Claro que gostaria de ter um salário condizente com a minha dedicação e poderia fazer melhor, se trabalhasse menos. Mas começo, cada dia, procurando dar a minha contribuição para a educação. Mas não tem sido fácil. (Professora Ágata, entrevista realizada em 18/10/2016).

Analisando os depoimentos das professoras, não foram observados vestígios de “identidade estável ameaçada”. Não houve resistência em abarcar o novo, se estiveram sempre dispostas a compreender o aluno, a trabalhar as suas especificidades, minimizando as diversidades. O que se observou foi um total descontentamento frente ao que a sociedade e as políticas públicas delegaram àquele profissional. Segundo as docentes, faltava estrutura, suporte psicopedagógico, novas regras e regulamentos, para que as mesmas pudessem desempenhar um bom resultado. Na sequência, as falas de Ágata, Cristal e Esmeralda, comprovam que sempre estiveram empenhadas, porém executando as tarefas de maneira fragmentada, com limitações, repetitiva e automatizada:

Na nossa profissão, o que mais se vê é exigência de ação, mas sem tempo para planejar. Estamos sempre cobrados, mais e mais, de ações. A nossa realidade não traz benefícios e o Estado responsabiliza o professor pelo sucesso do aluno e nos avalia, constantemente, deixando-nos culpados pelo fracasso dos mesmos. Essa é a arma que sempre é usada contra os professores. (Professora Ágata, entrevista realizada em 18/10/2016).

Sou presidente do colegiado e sei que mais uma atribuição é penosa para o meu cotidiano, mas tento administrar o tempo, embora muito escasso, da melhor maneira. Até que gosto de fazer isto. Procuo dividir as minhas horas para encaixar algumas responsabilidades que me são delegadas. Gostaria de ter uma carga horária mais flexível para poder administrar melhor essas atribuições. (Professora Cristal, entrevista realizada em 25/10/2016).

Falta de estrutura das escolas. Como professora de educação física, lido com a falta de suporte, falta de recurso material, sem falar que a minha profissão passa por uma crise de identidade, onde tem sido negado historicamente e a escola tem reforçado essa negação. As escolas públicas estão muito aquém do ideal na minha profissão como professora de educação física. (Professora Esmeralda, entrevista realizada em 04/10/2016).

Retornando às construções de Dubar (2005), na análise das declarações em referência, o perfil “identidade responsável pela sua promoção” poderia permear, em alguns relatos, a identidade de algumas daquelas participantes deste estudo. É perceptível, nas falas da professora Safira, que existe uma satisfação muito intensa em ser professora:

É uma profissão muito nobre. Apesar de todas as dificuldades, é ainda gratificante transformar vidas. Sinto-me realizada por ter escolhido essa profissão. (Professora Safira, entrevista realizada em 11/10/2016).

Mas, ao mesmo tempo, quando aquela professora é provocada a refletir sobre o nível de satisfação em relação ao seu trabalho, a mesma demonstra, claramente, que sua realidade difere muito daquele perfil instituído por aquele autor, onde o seu “eu” não está articulado com o “outro”, que é no caso, a escola e suas novas atribuições. Apesar de muita dedicação na execução das suas tarefas, segundo Dubar (2005), ela não nutre nenhuma certeza que colherá, mais tarde, os frutos desse empenhamento.

Hoje me considero insatisfeita em relação ao sistema. Posso colocar amor no meu trabalho, mas não trabalho por amor. Houve um desencanto com o passar dos anos.

O que pregava no passado, hoje a motivação é diferente. Buscamos uma melhoria na qualidade do ensino, mas as dificuldades que o sistema nos impõe é fator crucial para uma baixa na estima. (Professora Ágata, entrevista realizada em 18/10/2016).

Se for considerado o posicionamento das docentes em relação ao que é ser professora e o nível de satisfação em relação ao trabalho, todas as afirmações levam a conclusão de que as mesmas laboram porque amam a profissão e que é preciso produzir para sobreviver, mas a realização pessoal e profissional, diante das circunstâncias apresentadas, está muito aquém da relação de interdependência entre a transação subjetiva (eu) e objetiva (outro).

Tentando estabelecer um paralelo entre a “identidade autônoma e incerta” e as narrativas das professoras, pouco se percebe um entrosamento entre as duas, uma vez a formação continuada ser fortemente afetada pelas dificuldades de conciliar tempo e trabalho e no quesito financeiro, ser quase impossível dispor de remuneração para investir em aperfeiçoamento. Todas as professoras informaram que, nos primeiros anos de docência, tiveram cursos de capacitação e treinamentos oferecidos pelo governo, estando aquelas, livres de qualquer ônus. Elas sabem da importância que a formação continuada tem em suas vidas e o resultado que aquilo traz para a sala de aula.

Uma vez não dispuserem de condições adequadas para tal, Dubar (2005) considera que não é possível a transação subjetiva (eu) direcionar a objetiva (outro), ou seja, o desejo de se especializar é contraposto pelas dificuldades em realizar. Neste caso, segundo aquele autor, não existe afinidade com outras pessoas e/ou instituições e, conseqüentemente, as redes de contatos não são intensas. Daí ser mais difícil haver projeções de mudanças nas carreiras, permanecendo nas suas profissões, mas sempre aspirando buscar melhorias. Algumas declarações ratificam esse posicionamento:

E o serviço público acaba maltratando a gente de maneira que, ele contribui para que a gente tenha que lutar, é uma luta muito grande e temos que investir em formação continuada para que possamos não perder o foco, de fazer a diferença naquele ambiente, porque tudo caminha para que você seja, cada dia, um professor pior, por conta da própria precarização do ensino público. (Professora Esmeralda, entrevista realizada em 04/10/2016).

A maior dificuldade é que temos que bancar financeiramente as nossas especializações e não há salário para isto, pois tenho muitas obrigações para saldar. E atualmente não há tempo para investir em formação continuada, pois as atividades escolares roubam o seu tempo, restando muito cansaço no final do dia e, como informei antes, não sobra tempo para leituras. (Professora Pérola, entrevista realizada em 18/10/2016).

Fiz alguns cursos em outras instituições e por minha conta. Como eram nas férias, direcionei parte do meu salário para um curso na Ufba, o qual, achei muito importante, pois enfocava a parte teatral, também. Mas é muito caro manter uma regularidade em formação continuada atualmente. (Professora Rubi, entrevista realizada em 25/10/2016).

Diante de tais evidências, é possível enquadrar as professoras da instituição, mesmo que com uma pequena margem de erro, no perfil “identidade bloqueada”, uma vez haver inquietação quanto a permanência na profissão, mas contida por uma série de circunstâncias mencionadas anteriormente. Isso denota, mesmo que a contragosto, que há uma continuidade no laborar, desejando dias melhores, os quais até então, tem sido muito difíceis. Para Dubar (2005), as pesquisas foram realizadas objetivando constituir um enquadramento naqueles perfis. Muito mais que aquilo, o autor quis identificar como as formas identitárias profissionais são constituídas por meio das relações de trabalho e, sobretudo, como estas influenciam as atividades profissionais.

Percebe-se que, na trajetória da vida das professoras, há muitos desejos de realização, alguns até ancorados por possíveis rupturas, como é o caso das professoras Ametista e Rubi, as quais almejam, em algum momento da sua profissão, deixar o ensino fundamental e trabalhar em universidades públicas ou até buscar outra graduação. Como mencionou a professora Ágata, em certos momentos surge dúvida se vale a pena continuar, mas depois respira e segue adiante, imaginando que as coisas irão, um dia, melhorar.

Conforme explica Dubar (2005), a constituição das formas identitárias é decorrente das histórias particulares de cada indivíduo, as quais vão se constituindo na interação com o outro, ao longo das suas vidas, mas não são deterministas e imutáveis, ao contrário, são dinâmicas e podem, com o passar do tempo e das experiências realizadas, alterarem-se. Uma mudança nas vidas daquelas professoras pode provocar uma dupla identidade, vindo a culminar numa ruptura, transcendendo então, para um perfil libertário, de autonomia, realização pessoal e profissional.

Considerações

A partir das entrevistas e pesquisas do levantamento teórico, foi possível tecer algumas conclusões em relação à identidade do profissional docente no contexto das políticas educativas atuais, bem como propor algumas considerações futuras em relação à reconstrução de uma nova identidade, considerando a mesma não ser um dado adquirido, ou seja, está continuamente forjada

dentro da busca de legitimidade e autorealização, e também, sempre em transformação, susceptível de mudanças.

Coletados os dados transcritos nas entrevistas, pode-se constatar que a identidade profissional docente tornou-se conturbada a partir do momento em que a mesma se encontra envolta de novas atribuições e condições do exercício da profissão, ou seja, quando se produz o rompimento do equilíbrio, provocado por diversos fatores, tomando uma dimensão preocupante. Neste contexto, os professores constatarem que alguns pilares fundamentais do seu exercício profissional, a exemplo da autonomia, tornam-se desestabilizados.

Sendo a escolha da profissão docente determinada por condições interiores e exteriores, quase todas as professoras demonstraram que a vocação, aliada às expectativas da família, foram fatores determinantes para essa opção. Verificou que a perda da legitimidade começa a fazer sentido a partir da manifestação do desejo de mudança, resultado das excessivas exigências por parte das novas políticas educativas e da sociedade, onde o profissional não se sente motivado nem preparado para desempenhar, com eficácia, aquelas imposições.

O volume das mudanças ocorridas nos últimos anos, bem como as expectativas em relação ao papel dos professores na sociedade moderna, exigem uma nova perspectiva para investir na formação inicial e continuada. As mudanças exigem uma renovação metodológica e organizativa, no entanto, não são ofertadas as condições necessárias. No que refere à formação inicial, esta é criticada por ofertar um currículo pautado, principalmente, em teoria em detrimento à prática. E quanto à formação continuada, a grande dificuldade encontra em reter recursos financeiros para custear tal investimento, uma vez os salários serem insuficientes e, a maioria dos cursos que são oferecidos, segundo as professoras, deixa muito a desejar, pois servem apenas para validação de carga horária.

Com as transformações no campo educacional, veio uma multiplicidade de funções, as quais exigem do professor muito tempo e lhes faltam condições para resposta. Analisando os depoimentos das professoras, o autor da pesquisa percebeu que são constantemente criticadas por não garantirem na escola aquilo que a sociedade não consegue fora dela. Diante deste cenário, se angustiam, desmotivam, sofrem pela sobrecarga e a indiferença do sistema. A relação que cada docente estabelece consigo difere dos outros, pois cada uma acaba, diante de tanta atribuição, desenvolvendo uma forma peculiar de ministrar as aulas, de relacionar com os alunos, de lançar mão de certo conteúdo e de reagir diante do cotidiano da escola.

A relação dos professores com os alunos tem sido sempre pautada, de acordo com os esclarecimentos das professoras, em angústia e desmotivação, devido à falta de atenção, de não cumprimento das regras, de distração e de maus comportamentos. Consideraram ser muito complexo conseguir entrar no universo dos adolescentes, ávidos para autoafirmar a sua postura na sociedade, trazendo consigo, toda a bravura e, ao mesmo tempo, muita carência e insegurança.

Nóvoa (1995) defende ser imprescindível que os professores reencontrem novos valores que facilitem a construção de uma nova identidade profissional e que permitam reduzir as margens de ambiguidade da profissão e precarização, mas é necessário que haja uma nova cultura organizacional pautada por critérios, tais como melhores condições de trabalho, remuneração, os modos de pensar e desenvolver o ensino, progressão para que, a partir daí, os professores possam ser mais autônomos e reflexivos.

Segundo Dubar (2005), sendo o desenvolvimento pessoal e profissional indissociáveis, os docentes, dentro do seu ambiente de trabalho, irão descobrir o que fazer e como construir uma nova identidade. Para tanto, será necessário haver uma transformação social em que aqueles recomponham a sua imagem. Como pode ser constatado na pesquisa, a identidade bloqueada foi a configuração que mais se adequou à realidade das professoras, mesmo considerando que algumas delas manifestavam um desejo de mudança. A construção das quatro configurações identitárias, discutidas por Dubar (2005), está sempre em movimento, de tal forma que o profissional estável pode se tornar ameaçador e o instável, se tornar valorizado e fixado. Estes movimentos constituem construções sociais que implicam a interação entre trajetórias individuais e sistemas de emprego, de trabalho e de formação.

Nesse contexto, a profissão docente necessita de um processo de profissionalização para, a partir daí, deixar fluir uma profissionalidade sem culpa e, conseqüentemente, uma identidade mais clara e definida a qual repercutirá, significativamente, no devir das práticas docentes e das atividades diárias existentes no ambiente escolar e educativo. É necessário repensar numa troca de papéis, no tocante a esses novos perfis identitários, deixando o professor de ser mero executor de tarefas, resultado de um modelo econômico dominante, para se colocar em um novo paradigma, o da profissionalização, onde ele assume o papel de autor da própria identidade profissional, forjado através de um contexto de próprias vivências e experiências.

Referências

DUBAR, Claude. **A socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DUBAR, Claude. **A crise das identidades**: interpretação de uma mutação. Tradução de Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

ESTEVE, J. M. Mudanças sociais e função docente. In: NÓVOA, A. (Ed.). **Profissão professor**. Porto: Porto, 1995.

_____, José M. **O Mal-Estar Docente**: a sala de aula e a saúde dos professores. Bauru. Editora da Universidade do Sagrado Coração – EDUSC, 1999.

FERNANDES, Maria José da Silva; BARBOSA, Andreza. O trabalho docente na rede pública do estado de São Paulo: apontamentos iniciais para a discussão da jornada de trabalho. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v.10, n. 11, jun./dez. 2014. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/782>.

ILHA, Franciele Roos da Silva; HYPOLITO, Álvaro Moreira. O trabalho docente no início da carreira e sua contribuição para o desenvolvimento profissional do professor. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v.10, n. 17, jun./dez. 2014. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/781>.

MAUÉS, Olgaíses. Reformas Internacionais da Educação e Formação de Professores. **Cadernos de Pesquisa**. n.118, p. 89-118, São Paulo, mar. 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. p. 21-25, Petrópolis: Vozes, 2001.

NOVOA, Antonio. **Profissão Professor**. Porto: Ed. Porto, 2000.

_____. **Vida de Professores**. Porto: Porto, 1997.

_____. **Os professores e as histórias da sua vida**. In: NÓVOA, Antônio (Org.) Vidas de professores. Porto: Porto Editora, 1995.

NUNES, Claudio Pinto; OLIVEIRA, Dalila Andrade. Trabalho, carreira, desenvolvimento docente e mudança na prática educativa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 43, p. 65-80, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022017000100066&script=sci_abstract&tlng=pt.

OLIVEIRA, João Leandro de Cássio de; NUNES, Claudio Pinto. A carreira docente nos Institutos Federais em comparação com outras escolas públicas. **Revista Educação e Emancipação**, São Luís, v. 10, n. 2, maio/ago. p. 185-204, 2017. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/reducaoemancipacao/article/view/7393>.

TEIXEIRA, Eliara Cristina Nogueira da Silva; NUNES, Cláudio Pinto. O piso salarial como insumo da valorização docente nos governos de FHC e Lula: da política de fundos à Lei do Piso. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 12, n. 23, p. 251-270, set./dez. 2016. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/914>.

TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: **a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.